

Jan Morris

ENEZA



Tradução de
Raquel Mouta

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMIX

ÍNDICE

PREFÁCIO 9

Agradecimentos 14

PREÂMBULO 15

TERRA À VISTA 21

OS HABITANTES

1. Ilhéus 27

2. A maneira veneziana 34

3. Gente rija 44

4. A verdade, mas não a toda a gente 66

5. Das mulheres 76

6. Pequenos venezianos 83

7. Pompas e panaceias 98

8. «E depois cristãos» 113

9. Minorias 130

10. Melancolia 141

A CIDADE

11. Antiga ilha 153

12. «Ruas cheias de água» 160

13. Pedras de Veneza 180

14. Os serviços da cidade 198

15. A idade 216

16. O bestiário 228

17. Arabescos 244

18. As estações 261

19. Notícias do Rialto 279

20. Curiosidades 287

© 2009, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© James Morris, 1960
© Jan Morris, 1974, 1983, 1993

Título original: *Vênice*
Autora: Jan Morris
Tradução: Raquel Mouta
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Junho de 2009

ISBN 978-989-671-000-2
Depósito Legal n.º 294142/09

21. Vamos aos prodígios	306
22. Propósitos	318
A LAGUNA	
23. O sétimo mar	327
24. Um ofício de fosso	333
25. Navegação	348
26. No limite	355
27. Cidades insulares	363
28. Águas abençoadas	379
29. Mortas e vivas	389
30. Os baluartes sagrados	400
31. Perdidos	410
O EMBARQUE	415
CRONOLOGIA	424
ÍNDICE ONOMÁSTICO	427

PREFÁCIO

É QUASE ESCANDALOSO, a haver ainda escândalo editorial, ser esta a primeira vez que o leitor tem a oportunidade de encontrar o nome de Jan Morris nas estantes das livrarias portuguesas. O atraso é considerável, mas não chega a ser surpreendente. A atenção ao mundo, a que chamamos cosmopolitismo, há muito deixou de ser uma qualidade nacional, por maiores que sejam as doses de orgulho pátrio destiladas na incessante ladainha de uma já remota grandeza quinhentista.

Jan Morris é hoje o nome mais importante de entre os autores vivos de literatura de viagens. Dito de outro modo, nas palavras de Paul Theroux — outro dos grandes escritores viajantes do nosso tempo — Jan Morris é «uma das maiores escritoras descritivas da língua inglesa». De hoje e de sempre, depreende-se. Por isso ele lhe chama também «um génio da viagem» («*a travelling genius*»).

O livro que tem nas mãos, caro leitor, é já um clássico. Publicado originalmente há meio século, é muitas vezes referido como *o livro* sobre Veneza. Nele, Jan Morris entrelaça o H grande da História com um apuradíssimo sentido de observação para o h pequeno das histórias do quotidiano. É assim — para dar apenas um exemplo comezinho — que

ficamos a saber porque há tantos gatos e porque deixou de haver cavalos em Veneza. O mais provável é que mesmo aqueles que já visitaram a cidade várias vezes não se tenham dado conta de particularidades como estas. Jan Morris observa-as, investiga-as e revela-as com uma minúcia digna de Canalleto e por vezes com um sentido de humor desconcertante — como quando decide inquirir, a partir da lista telefónica, quantos habitantes ainda existem na cidade com o apelido de cada um dos doges que durante séculos a governaram.

A acrescentar à notável obra literária que construiu nos mais de 30 títulos publicados, Jan Morris é uma figura extraordinária também por razões biográficas. Seria impossível falar deste livro sem o referir. A edição original de *Veneza*, em 1960, trazia na capa o nome de James Morris. Foi, aliás, ainda como oficial do Exército britânico que Morris viveu em Veneza pela primeira vez, no final da Segunda Guerra Mundial. «Veneza estava semideserta, semimorta talvez» — explicará 30 anos depois, em *Conundrum*, a autobiografia onde conta, com uma segura e elegância exemplares, o processo pelo qual decide mudar de sexo depois de se ter descoberto, ainda na infância, uma mulher aprisionada num corpo de homem. — «De todos quantos escreveram livros em inglês sobre Veneza, penso que ninguém terá tido uma introdução à cidade como a minha.»

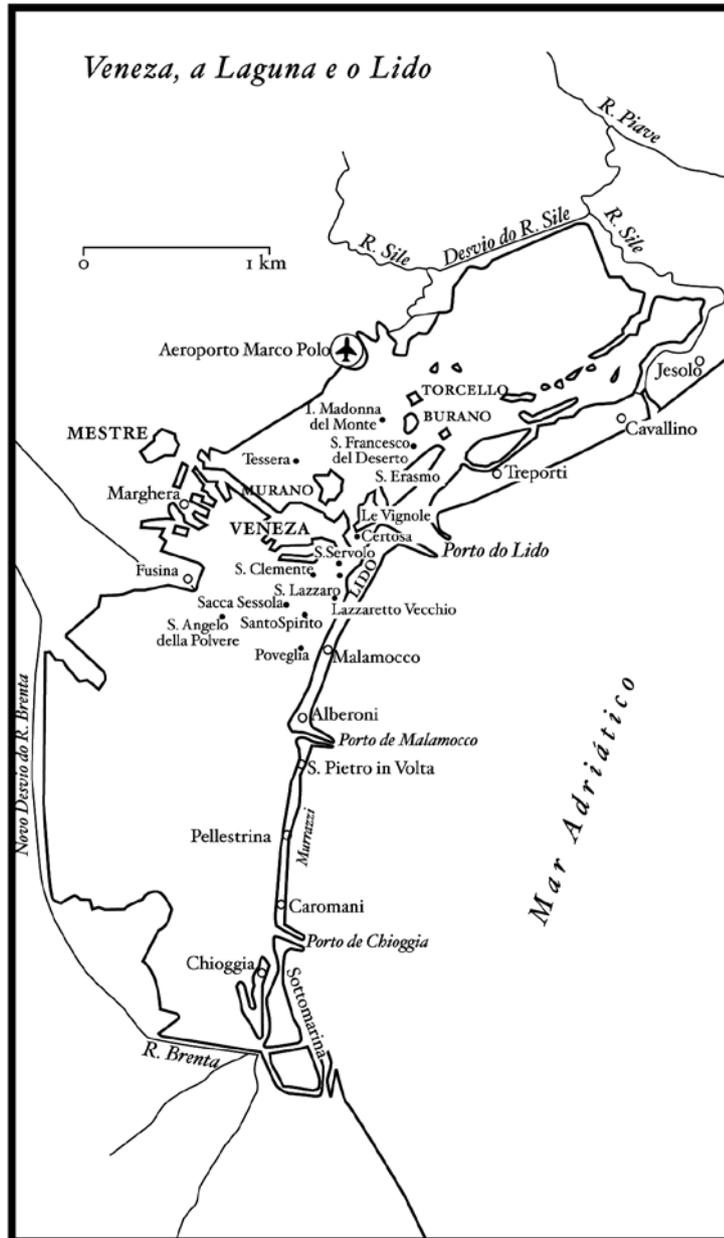
No final dos anos 50, Morris viveu durante um ano em Veneza, onde diz nunca ter deixado de se sentir estrangeira, apesar de acrescentar paradoxalmente que «desde muito cedo senti a cidade como minha». É dessa experiência que nasce este livro. Morris era já um nome reconhecido quando o publicou, sobretudo depois de ter acompanhado, para o jornal *The Times*, a primeira expedição britânica ao cume do Everest, liderada por John Hunt. Seria, escreveu algumas décadas mais

tarde, em *A Writer's World*, «a última grande façanha do Império britânico». A reportagem de Morris, um *scoop*, foi publicada em Londres a 2 de Junho de 1953, precisamente no dia em que Isabel II foi coroada.

Daí em diante, Morris dedicar-se-á à escrita a tempo inteiro. Interessam-lhe em particular as cidades: Sidney, Oxford, Manhattan, Hong Kong ou Casablanca, onde, no início dos anos 70, faz a operação que transforma James em Jan.

É nessa permanente inquietação da viagem que Jan Morris, percorrendo o mundo para o interpretar, tenta revelar o enigma dos lugares que visita tal como se propõe desvendar o seu próprio enigma («*conundrum*») interior. «Por vezes, rio abaixo, quase penso que o consigo; mas então a luz muda, o vento vira, uma nuvem atravessa-se à frente do sol e o significado de tudo isto volta uma vez mais a escapar-me.»

CARLOS VAZ MARQUES



TERRA À VISTA

A $45^{\circ}14'N$, $12^{\circ}18'E$, O NAVEGADOR que vá subindo ao longo da costa adriática de Itália encontra uma abertura na extensa linha baixa da praia: e virando para oeste, com a ajuda da maré, entra numa laguna. De súbito, desaparece o vigor tempestuoso do mar. A água em volta é baixa mas opaca, a atmosfera curiosamente translúcida, as cores são pálidas, e sobre toda a extensão da bacia de lama e água pesa uma sugestão de melancolia. É como que uma laguna albina.

A laguna está rodeada de reflexos ilusórios, como miragens no deserto — árvores ondeantes e cerros indistintos, navios sem casco, pântanos imaginários: e por entre estas alucinações, a água estende-se numa espécie de transe. Ao longo do recife oriental, perdem-se fiadas de aldeias piscatórias, vazias e desmazeladas. Os baixios estão juncados de confusas paliçadas de ramos e cestaria que se vão arrastando, e lá no meio estão homens solitários, enfiados até aos joelhos em lodo e água, procurando bivalves na lama. Um barco a motor passa a zoar, deixando um fedor a peixe ou a gasóleo. Na margem, uma mulher grita para um amigo, e a voz perde-se estranhamente em remoinhos, abafada e distorcida por sobre a planura.

A toda a volta, ilhas silenciosas sobrepõem-se a paus e bancos de lama. Ali, um ameaçador forte octogonal. Acolá, um lúgubre farol abandonado. Um emaranhado de redes decora com o seu padrão os muros de uma ilhota de pescadores, e um bando inquieto de barcos afocinha a comporta. Dos baluartes de um quartel insular, um soldado apático de boné sobre os olhos acena sem convicção da sua guarita. Dois cães vadios ladraram com raiva de uma *villa* em ruínas. Numa parede, volteiam lagartos. Por vezes, um cheiro rural atravessa furtivamente a água, um cheiro a vacas, a feno ou a adubo: e por vezes esvoaça na esteira de um barco não um albatroz, mas uma borboleta.

Em breve aquele lugar desolado se anima, e aparecem no recife *villas* brancas e chiques. Um grande hotel eleva-se acima das árvores, guarda-sóis alegres ornamentam um café. Um vaporeto aprumado afaina-se em direcção a sul, carregado de passageiros. Uma flotilha de pesca avança ao jeito de um trabalhador para o mar alto. A oeste, por baixo de uma mancha de montanhas, vê-se a cintilação fina e prateada de reservatórios de petróleo e um laivo de fumo. Uma barça amarela, empilhada de garrafas de plástico, irrompe de um cais de embarque como uma pomba alegre escapa de uma arca. Um iate branco passa indolentemente. Três meninos encaharam o seu barco num banco de areia e atiram lama líquida uns aos outros. Vê-se uma faísca de oxiacetileno numa cabana escura e uma barça assente sobre estacas em frente a um estaleiro. Uma sirene apita; um sino ressoa nobremente; um grande pássaro marinho branco aterra pesadamente num pilar; e assim o marinheiro, contornando um promontório, vê pela frente a cidade.

É antiquíssima, e grandiosa, e reclinada. As suas torres perscrutam a laguna com um esplendor excêntrico, inclinadas ora para um lado, ora para o outro. A linha do horizonte

é intrincada, com campanários, zimbórios, pináculos, guas, cordame, antenas de televisão, ameias, chaminés excêntricas e um grande silo vermelho de cereais. Vislumbram-se bandeiras e telhados ornamentados, colunas de mármore, canais cavernosos. Um bulício incessante de barcos passa diante dos cais da cidade; um enorme pacote branco desliza para o seu porto; uma infinidade de palácios periclitantes, cismáticos e monstruosos empurram-se para a margem como um sem-número de aristocratas inválidos que se atropelam para apanhar ar fresco. A cidade é nodosa, mas deslumbrante: e à medida que o barco se aproxima por entre as últimas ilhas coroadas de igrejas, e um caça lança um grito sublime ao afastar-se do sol, todo o cenário parece tremeluzir — de róseo, de antiguidade, de satisfação consigo mesmo, de tristeza, de deleite.

O navegador arruma as cartas marítimas e coloca na cabeça um alegre chapéu de palha: chegou ao destino dos destinos, Veneza.

Os estuários de três rios viris deram origem à laguna veneziana, precipitando-se dos Alpes com os seus sedimentos de areia, argila xistosa e lama, e vindo desaguar ao canto noroeste do Adriático. Durante muitos séculos, abrigada do mar alto por um paredão de recifes arenosos, a laguna ficou-se, obscura e anónima nos limites da Pax Romana. Comunidades dispersas de pescadores e marnotos subsistiam no seio dos seus paus. Os mercadores atravessavam-na com vagar. Alguns romanos mais abastados e apreciadores da caça construíram *villas* nestas ilhas, aqui faziam piqueniques, passavam os seus tempos de ócio ou caçavam patos. Alguns historiadores afirmam que os habitantes de Pádua tinham um porto nos recifes mais ao largo; outros crêem que, nessa época, a paisagem era muito

menos alagadiça e que metade seria lavrada. Em torno do seu perímetro, no Véneto romano continental, prosperavam cidades famosas — Aquileia, Concórdia, Pádua, Altinum, todas elas ricas em civilização imperial: mas a laguna mantinha-se à margem da história, envolta em mitos e em malária.

Depois, nos séculos v e vi, emergiram do Norte, em vagas sucessivas, godos, hunos, avars, hérulos e lombardos que apanharam o refúgio do império. O interior do continente perdeu-se em fogo e em vinganças. Impelidos pelo barbarismo, pela brutalidade e até mesmo pela ameaça de heresia cristã, os habitantes das cidades do Véneto abandonaram o conforto e abalaram para o refúgio mais óbvio — a laguna. Por vezes, depois de terminada uma fase de invasão bárbara, os vénetos regressavam a casa: mas gradualmente, com o passar dos anos, o êxodo converteu-se em emigração. Os vénetos transformaram-se em venezianos num processo sincopado. Alguns mudaram-se para a laguna por ordem divina directa e foram guiados pelos seus impressionantes bispos, agarrados a paramentos e cálices. Outros orientaram-se por presságios de aves, estrelas ou santos. Alguns levaram consigo as ferramentas dos seus ofícios e até as pedras das igrejas. Outros eram indigentes — «mas eles não acolhiam homens de condição servil», assim nos assegura a tradição, «nem assassinos, nem quem levasse uma vida imoral».

Muitos dos vénetos deslocaram-se para as ilhas setentrionais da laguna, rodeadas de caniços e ervas encharcadas (onde o próprio S. Pedro, por exemplo, atribuiu uma terra farta aos cidadãos de Altinum). Outros fugiram para o perímetro exterior, o mais distante possível dos fogos de Átila. Gradualmente, num movimento santificado por inúmeros milagres e intervenções de santos, os humildes ilhéus originais passaram à história, estabeleceram-se direitos de propriedade, construíram-se

as primeiras câmaras do conselho e as primeiras igrejas, austeras. Veneza foi fundada sobre o infortúnio, por refugiados que se viram afastados dos seus velhos costumes e obrigados a aprender outros novos. Colónias espalhadas, formadas por cidadãos criados na abundância de Roma, passaram a labutar por entre os miasmas húmidos e frios daquelas terras pantanosas (com os seus «eflúvios palúdicos», como Baedeker viria a descrevê-las, ajustando com esquisitice a sua rede mosquiteira 1400 anos mais tarde). Aprenderam a construir e a manobrar pequenas embarcações, a dominar as marés e os baixios traiçoeiros da laguna, a alimentarem-se de peixe e de água da chuva. Construíram casas sobre estacas, com caniços e vimes, e cobriram-nas de colmo.

Guiados por sacerdotes e patrícios da antiga ordem, criaram novas instituições com base em precedentes romanos: todas as povoações eram governadas por tribunos e foram avançando lentamente, por entre conflitos e derramamento de sangue, para a união de uma administração única, presidida por um doge, título não hereditário e vitalício — «pobres e ricos sujeitos às mesmas leis», disse o primeiro dos inúmeros bajuladores de Veneza, «e a inveja, que amaldiçoa o mundo inteiro, não tem lugar aqui». Os habitantes da laguna foram pioneiros, como os primeiros colonizadores do Oeste americano ou os colonos da África do Sul. Crèvecoeur escreveu certa vez sobre «esse novo homem, o americano»: mas Goethe usou precisamente o mesmo termo para descrever o primeiro veneziano, cujo antigo mundo definhara à sua volta.

Os primórdios deste povo são nitidamente indistintos e não foram certamente de uma virtude constante, como nos queriam fazer crer os seus primeiros apologistas. Passaram-se muitos anos até que a laguna ganhasse vida e vigor; e vários sé-

culos até que estes novos homens deixassem de guerrear entre si, formassem uma nação e construíssem a grande cidade de Veneza propriamente dita, até que pudessem dizer de si mesmos (como afirmaram altivamente perante os reis bizantinos): «Esta Veneza, que nós erigimos nas lagunas, é a nossa possante habitação, e não há poder de Imperador nem de Príncipe que nos consiga tocar!» A cronologia inicial de Veneza é incerta e discutível, e ninguém sabe o que aconteceu, nem quando, nem sequer se aconteceu realmente.

No entanto, as lendas têm sempre um fundo de verdade, e a acreditar nas antigas crônicas, a fundação de Veneza teve lugar precisamente ao meio-dia de 25 de Março do ano 421. Dia esse que, segundo o meu calendário perpétuo, calhou a uma sexta-feira.

OS HABITANTES

I. Ilhéus

E ASSIM PASSARAM OS venezianos a ser ilhéus, e ilhéus continuam hoje em dia, ainda são um povo à parte, ainda têm laivos da tristeza dos refugiados. As ilhas lamacentas da sua laguna, unidas ao longo dos séculos numa república resplandecente, transformaram-se no mais importante dos Estados mercantes, na senhora do comércio com o Oriente e na suprema potência naval da época. Por mais de mil anos, Veneza foi única entre as nações, meio oriental, meio ocidental, meia da terra, meia do mar, em equilíbrio entre Roma e Bizâncio, entre a Cristandade e o Islão, com um pé na Europa e outro a chapinhar nas pérolas da Ásia. Intitulou-se Sereníssima, embelezou-se com pano de ouro e tinha até o seu próprio calendário, em que os anos começavam a 1 de Março e os dias se iniciavam à tarde. Esta altivez solitária, exercida a partir dos recessos da laguna, deu aos antigos venezianos uma estranha sensação de isolamento. À medida que a república crescia em magnificência e prosperidade, e que endureciam as suas artérias políticas, e que uma vaga de saques faustosos lhe enriquecia os palácios e igrejas, Veneza envolveu-se em mistério e maravilha. Na imaginação do mundo, estava entre a aberração e o conto de fadas.

regatas e competições desportivas, até que em 1848 os antigos rivais se reconciliaram numa cerimónia secreta ao amanhecer, na Igreja de Santa Maria della Salute, em gesto de união contra o domínio austríaco. Hoje em dia, as facções estão mortas e quase esquecidas (embora se possa pensar o contrário, segundo os guias turísticos mais imaginativos); mas ainda há vestígios de um certo orgulho bairrista melindroso, de uma certa paróquia ou praça, e que por vezes se manifesta com exuberância.

Nada disto é surpreendente. Veneza é um labirinto de canais e vielas de água, tortuosas e imprevisíveis, que seguem os antigos cursos de água traçados na lama e que não foram aprimorados pelos urbanistas. Até ao século XIX, havia apenas uma ponte sobre o Grande Canal, a do Rialto. Na era anterior aos barcos a motor e aos passeios alcatroados, percorrer Veneza devia ser um processo terrivelmente cansativo, quanto mais apanhar um barco para o continente: e será que os habitantes de Santa Margherita, satisfeitos com as suas próprias lojas e tabernas, se dariam ao trabalho de fazer o estirão até Santa Maria Formosa? Por vezes, uma dona de casa veneziana anuncia conclusivamente que naquele dia não se encontram couves na cidade: mas o que ela quer dizer é que, naquela manhã, as couves se esgotaram na mercearia da esquina do Campo de San Barnaba, onde a família dela faz compras desde o tempo das primeiras Cruzadas.

3. Gente rija

No entanto, foi desta pequena cidade, deste mesmo povo, que brotaram as glórias da Sereníssima. Diz-se que no tempo da Quarta Cruzada, na qual Veneza desempenhou um papel de grande proeminência e poucos princípios, a população da ci-

dade era de apenas 40 mil habitantes. Em todos os 13 séculos da república, é provável que nunca tenha ultrapassado os 170 mil. Veneza era, portanto, um Estado de talentos profundamente especializados. Gerava bons administradores, marinheiros, mercadores, banqueiros, artistas, arquitectos, músicos, tipógrafos, diplomatas. Não gerou quase nenhum poeta, apenas um grande dramaturgo, pouquíssimos romancistas, quase nenhum filósofo. O único pensador eminente de Veneza foi Paolo Sarpi, o monge que representou o caso de Veneza na pior desavença da república com o papa e que descobriu a contracção da íris. Os seus generais mais ousados eram *condottieri*. A cidade dava-se melhor a adaptar do que a inovar. A sua vocação era o comércio; o seu campo, o mar; os seus gostos, voluptuosos; a sua função era ser uma ponte entre o Ocidente e o Oriente; a sua obsessão era a estabilidade política; a sua consolação, quando dela necessitava, era a satisfação dos seus prazeres; e é espantoso como os talentos da cidade se adequavam tão bem às próprias necessidades. Por muitos séculos, nunca escassearam em Veneza os líderes, artesãos, animadores e homens de negócios de que precisou, desde embaixadores astutos a diligentes construtores navais, de especialistas em finanças a arquitectos, de Marco Polo a Ticiano e a Goldoni, o mais festivo dos génios menores.

Os venezianos sempre tiveram olho para o monopólio ou o proveito rápido e gozavam da reputação de estarem dispostos a vender tudo quanto possuíam, quando se lhes oferecia um valor suficiente (embora, no século XVI, um certo Duque de Mântua, cobiçando a famosa estátua de Eva da autoria de Rizzo que existe no Palácio dos Doges, tenha oferecido sem sucesso o seu peso em ouro). Os venezianos começaram por aventurar-se

prender o ladrão, mas sim dar-lhe um pequeno sermão sobre os malefícios da falta de cuidado — e a segunda é, elevando os olhos com ar sentencioso, «Ah, estes italianos, não há nada que não façam!», para que fique perfeitamente claro que nunca um veneziano que se preze roubaria uma chapeleira.

Apesar de todas as portas fechadas dos apartamentos venezianos (as vozes distorcidas da televisão passam pelas dobradiças, enquanto se sobe a custo e se faz ecoar as escadas), Veneza não deixa de ser uma cidade provinciana dada à bisbilhotice, onde os movimentos dos estranhos são avidamente observados e as visitas destramente analisadas. Se decidir fazer um piquenique num recanto afastado da laguna, é certo que alguém o terá visto a zarpar e, quando regressar à noite, ao atravessar o jardim vazio, entreverá uma luz furtiva, que aparece por momentos na massa escura do palácio de portadas fechadas, comprovando a vigilância do andar de cima. Disseram-me certa vez que Veneza já foi um importante centro coordenador dos serviços secretos britânicos. É certo que esta propensão para querer saber tudo é contagiante, e quando se trata de ser curioso, ninguém é mais veneziano do que eu.

5. Das mulheres

As mulheres de Veneza são muito bem-parecidas e muito vaidosas. São altas, têm um andar lindo e muitas delas são loiras (no século XVI, as senhoras venezianas tinham por hábito aclarar o cabelo ao sol, passando-o pela abertura de chapéus sem copa, como trepadeiras por uma treliça). Por vezes, pintam os olhos de um azul esverdeado pesado, fazendo lembrar tatus muito desanimados. De facto, é raro ver-se uma veneziana

em desalinho, e até mesmo as madonas e as santas dos mestres antigos são elegantes no trajar. As pessoas mais mal-arranjadas que se vêem na cidade são quase sempre turistas — para além dos malucos e dos aquarelistas.

No geral, os venezianos não são ricos: mas sempre gastaram grande parte do seu dinheiro em roupas e adornos, e é raro ver-se uma rapariga com roupa de olaria, de camisola largueirona e saia manchada, ou com aquele roupão amarrotado que marca a emancipação absoluta da mulher inglesa. As universitárias, que ou estudam línguas ou andam a instruir-se sobre economia ou práticas industriais, assemelham-se mais a modelos do que a estudantes; e as criadas, quando se juntam aos pares para os passeios de fim-de-semana, dificilmente pareceriam deslocadas nas corridas de cavalos em Ascot ou num congresso de gala de advogadas.

A paixão pelo vestuário está profundamente enraizada no carácter dos venezianos. Os homens também são muito apurados e até há pouco tempo tinham o hábito de se defenderem do calor com pequenas ventoinhas e sombrinhas nos Jardins Públicos — eram «curiosos», segundo a observação austera de Augustus Hare em 1896, «aos olhos dos ingleses». Em 1299, a república já promulgava leis que restringiam a ostentação e, mais tarde, decretou as famosas leis sumptuárias, as quais indicavam com rigor o que as pessoas podiam vestir, e havia um gabinete especial que velava pelo seu cumprimento. Nunca tiveram êxito. Quando o Patriarca de Veneza proibiu o «excesso de adornos», um grupo de mulheres apelou directamente ao papa, que prontamente lhes devolveu as jóias. Quando a república proibiu vestidos longos, as venezianas começaram a apanhar as caudas dos vestidos em belas dobras intrincadas, presas por fíbulas sumptuosas. Aquando do anúncio

os outros, garantiu salvo-conduto a todos eles. Seja qual for a verdade, os pombos prosperaram. Sobreviveram a algumas epidemias violentas, transmitidas por corvos portadores do Levante, mas actualmente não chegam a morrer, limitam-se a voar para a laguna e lá se deixam afogar.

São quase todos de um cinzento baço — a monotonia do bando é ocasionalmente quebrada por um semialbino de cabeça branca — e parecem ter um sabor verminoso. Têm por quartel-general a Praça de S. Marcos. As pedras da Basílica cobrem-se com gerações de excrementos dos pombos, e junto aos leões de pórfiro da Piazzetta que fica a norte da praça encontra-se a sua banheira privada, ao lado de uma antiga fonte. A dada altura do dia, os preguiçosos dos pombos juntam-se ali aos milhares, arrulhando e regurgitando para o passeio, numa massa pesada de cinzento, às costas uns dos outros, empurrando-se e inchando e restolhando num frenesim obscuro para chegar ao milho e às migalhas: e apenas algumas pombas brancas mais velhas e cansadas da vida, enfiadas entre as colunas ou apoiadas com cinismo de encontro a um tubo de chaminé, preferem observar com enfado e a alguma distância aquela sofreguidão.

7. Pompas e panaceias

Os venezianos enriqueceram com as sedas, as especiarias e outros produtos exóticos que lhes chegavam nos navios mercantes dos bazares do Oriente: e da mesma forma que adoram belas roupas e jóias, têm um gosto oriental pela pompa e exibição. Isto era instigado pelos sábios anciãos da república, pelo velho pressuposto de pão e circo. O calendário veneziano era

pródigo em festivais, espectáculos e exibições, desde a grandiosa cerimónia do Casamento com o Adriático, celebrada pelo doge, às comemorações do Dia de S. Marcos, em que cada marido oferecia à esposa uma rosa vermelha em sinal de eterna lealdade. Fulgurantes eram os cortejos de pompa que escoltavam o doge nas suas funções de cerimónia, e o Carnaval era uma longa noite de extravagância, acabando por transformar-se no principal acontecimento da vida veneziana.

Até 1802, era costume haver lutas de touros e cães nas praças venezianas, em que se soltavam cães açulados contra touros presos por uma corda: eram de uma desorganização impressionante, a acreditar num quadro do século XVII, em que se representa toda a Praça de San Polo num estado caótico, com touros investindo em todas as direcções, mulheres em fuga, chapéus a voar, cães a latir e algumas beldades mascaradas, vestidas com sedas virginais, caminhando por entre a confusão em pose majestosa, com uma serenidade desdenhosa. Havia cenas hilariantes de pugilato em público, versões refinadas das antigas vendetas entre facções que degeneravam em fabulosas batalhas campais: ainda se podem ver na Ponte dei Pagni (Ponte dos Punhos), ou então na ponte junto à Igreja de Santa Fosca, as pegadas cimentadas no passeio que formavam a linha de fundo do jogo. Havia regatas magníficas, e competições de ginástica, e procissões religiosas, e até, em tempos mais antigos, justas de cavaleiros. Na Praça de S. Marcos, davam-se salvas cerimoniais até se ter descoberto que as vibrações estavam a fazer saltar os preciosos mosaicos da Basílica. De vez em quando, a república organizava uma exibição oficial de perfeita extravagância para celebrar alguma vitória distante e ilusória, para protelar alguma insubordinação incipiente ou para impressionar algum dignitário de visita: e foram

homenzinho andava como que numa corda bamba precária entre o indulgente e o convencional.

Que pequeninos e respeitáveis, pensei para mim! Com que cuidado a mãe preparara os três, para que sobrevivessem ao escrutínio dos vizinhos! Que grande seca terão apanhado junto ao cais, andando para a frente e para trás todos constrangidos! Que pálido reflexo ofereciam dos turbulentos carnavais venezianos de antigamente, com os seus doges e patrícios mascarados, os grandiosos amantes, os altos navios de guerra e artistas principescos! Como são comoventes os pequenos venezianos, ao passarem todos abotoados pelas ruelas de Veneza!

Mas enquanto eu meditava com tal condescendência, o meu olhar perdeu-se nas alturas, acima dos muros em ruínas daquele pátio, acima da companhia vistosa de chaminés, acima das antenas de televisão e dos pombos a arrulhar nos vãos, até onde a grande torre dos Frari, majestosa e segura, se elevava como um almirante de tijolo de encontro ao céu azul.

A CIDADE

II. Antiga ilha

VENEZA FICA, COMO a própria adora dizer, nas fronteiras entre o Oriente e o Ocidente, a meio caminho entre o pôr e o nascer do Sol. Goethe chama-lhe «a praça de mercado das terras da Manhã e do Entardecer». Não há certamente no mundo outra cidade que dê uma impressão mais imediata de simetria e unidade ou que pareça tão manifestamente nascida para a grandiosidade. No mapa, Veneza assemelha-se a um peixe; ou a um alaúde, pensou John Evelyn; ou talvez a duas serpentes entrelaçadas numa luta de morte; ou a um canguuru, de cabeça baixa antes de dar um salto. No entanto, para compreender a topografia moderna da cidade, é necessário pôr de parte o mapa de ruas e subir ao topo do Campanário de S. Marcos, acima da azáfama da Praça. A subida pode fazer-se pelo ascensor: mas caso se prefira levar cavalo, como o Imperador Frederico III, existe uma rampa em caracol para sua comodidade. Da câmara dos sinos, depois de arredados os fotógrafos itinerantes e os vendedores de postais, consegue ver-se como a forma de Veneza é curiosamente compacta e imperturbável. A norte, fica a paisagem divinal dos Alpes, para lá da planície de Treviso, salpicados de neve e mergulhados num silêncio celestial; a sul, fica o Adriático, um mar sombrio mas

o grupo do casamento se afastou, deslizando pelo canal, com sedas e fitas cor-de-rosa a adejar, ele ligou o motor com um ronco oleoso e partiu alegremente em direcção à festa.

15. A idade

Os edifícios de Veneza são muito antigos, muitos deles extremamente decrépitos, e existe há séculos a crença popular de que um dia Veneza desaparecerá por completo, submersa nas águas da laguna. Veneza emergiu do mar há 15 séculos e para que a sua história termine esteticamente, assim sentiram muitos escritores e artistas, só precisa de voltar a imergir no sal, gorgolando com um gemido. Num quadro famoso, Tintoretto retratou a cidade finalmente engolida por uma vaga gigantesca. Rose Macaulay, quando morreu, planeava um romance sobre a submersão derradeira da cidade. «Silenciosa e atenta», é como Dickens via a água de Veneza, «enrola-se sobre si mesma [...] em inúmeras voltas como uma velha serpente: aguardando o momento em que as pessoas olharão para as suas profundidades em busca das pedras daquela antiga cidade que ela terá reclamado para sua amante.»

É certo que o desaparecimento de Veneza daria à história da cidade uma maravilhosa simetria de forma — nasceu das águas, regressando por fim à sua matriz; e basta andar de gôndola, observando as fachadas arruinadas e o marulhar agitado dos canais, para nos apercebermos da antiguidade e da precariedade de Veneza. São muitos os palácios que parecem ganhar barriga e cambalear, como um duque artrítico de arminho coçado aos ombros, e são muitas as torres que aparentam uma inclinação desconcertante. O edifício da antiga prisão, na Ri-

va, está visivelmente desnivelado, e por vezes penso, quando vejo o Palácio dos Doges sobre a tonalidade rosa de um ocaso estival, que o canto sudoeste está a afundar-se. A longevidade de Veneza depende de uma longa fileira de ilhas, escorada artificialmente, que separa a laguna do Mar Adriático e mantém as tempestades à distância das estruturas delicadas da cidade. Vive como uma velha dama orgulhosa dos seus pergaminhos, com criados a guardarem-na à porta.

Veneza foi construída sobre bancos de lama alagados (por acaso, o Palácio dos Doges encontra-se sobre uma zona de barro, na parte dura do subsolo veneziano). Veneza repousa sobre uma floresta invertida de estacas — segundo se diz, a Igreja da Salute é sustentada por 1156 672 estacas — por isso ninguém estranha que a cidade oscile um pouco de vez em quando. Ao longo dos séculos, os pilares de madeira foram sujeitos a um enfraquecimento contínuo, quer pela corrosão natural, quer pela agitação das águas provocada pelos barcos a motor, quer pelo aprofundamento dos canais, que levou as águas a profundidades impensadas pelos antigos engenheiros. De vez em quando, uma estrutura antiga, cansada de lutar contra o tempo, o vento e a corrosão, morre de pé e desintegra-se em escombros. As crónicas de Veneza estão repletas de tais desastamentos, e os historiadores antigos relatam, com um sangue-frio invejável, muitos casos de desintegração espontânea de uma igreja ou de uma ponte famosa.

Os campanários venezianos, em particular, têm uma longa tradição de aluimento, e há vários que parecem condenados. Santo Stefano, San Giorgio dei Greci, San Pietro di Castello — todos eles têm uma inclinação violenta, e quem estiver ao pé destes campanários com um ouvido imaginativo quase consegue ouvi-los ranger. Até a torre de San Giorgio

fotografias, e há um casal de férias em quase todas as mesas — ele lê o *Daily Mail*, ela atarefa-se a escrever para casa. Uma rapariga de boné axadrezado recosta-se à sua arca de gelados por baixo da colunata. Um fotógrafo profissional aguenta-se em pose eduardiana no meio da praça ao lado da sua máquina fotográfica com tripé (a máquina pernoita na praça, que nem uma coruja amortalhada em cima de um pedestal); e os 14 vendedores com licença para vender postais deambulam, insinuando-se junto dos grupos, de tabuleiros pendurados aos ombros com tiras de couro gastas e polidas. Em todos os degraus e balaustradas, nas saliências da base do Campanário, nos suportes das duas colunas da Piazzeta, em torno dos mastros das bandeiras, ao lado dos leõezinhos de pórfiro — onde quer que haja uns poucos de centímetros quadrados de espaço livre, instalam-se centenas de jovens como pássaros, de saias e livros em roda.

Há rostos por todo o lado, rostos bronzeados e corados nos cafés, rostos que nos olham por trás das montras das lojas (emoldurados com paninhos de renda e gravuras de Canaletto), rostos na obscuridade do cimo do Campanário, rostos que olham cá para baixo da Torre do Relógio, uma torrente de rostos, admirados, irritados, encantados, amorosos, exaustos, jorra constantemente do funil da Merceria. E à nossa volta, em frente ao relógio, está o cerne daquela imensa multidão diária, tagarela e expectante, um turbilhão de algodões, óculos escuros, chapéus cónicos, guias turísticos, sandálias de enfiar o dedo; um punhado de casais em lua-de-mel, uma convulsão de crianças, um entrechocar de línguas — «todas as línguas da Cristandade», como disse Coryat, «além das que são faladas pelas Etnias bárbaras»; aqui um inglês hirto, que tenta não ficar de boca aberta, ali uma alminha alegre do Iowa, turista da

cabeça aos pés, desde os brincos de esmalte que baloçam por baixo do cabelo azulado às unhas dos pés, pintadas de cor-de-rosa. Tudo é inconstante, colorido e um pouco viscoso, como terá sido no apogeu do Carnaval veneziano, quando a cidade era «a folia da terra, a Mascarada de Itália», uma ostentação, uma maravilha, um espectáculo.

Toca o sino preludial no canto da Basílica. Os Mouros, rodando atleticamente pela cintura, batem as horas com dignidade. Abrem as portadas ao lado do velho relógio estranho. Lá saem os três Magos, atrás do anjo de trombeta. Curvam-se com rangidos perante a Madonna, rodam todos hirtos em torno dela e depois, com o ronco e a chiadeira de mecanismos antigos, desaparecem no interior. As portinhas fecham-se com um sacão, os dentes das engrenagens rangem até pararem e tudo fica em silêncio. Um suspiro de divertimento e prazer percorre aquela multidão espalhafatosa, e é um suspiro longo, quente e ofegante do Verão em Veneza. Depois de guardar as máquinas fotográficas, os alemães, os americanos, os franceses, os jugoslavos, os japoneses, os britânicos, os indianos, os australianos, os turcos, os líbios, os partos e outros monstros visitantes abrem caminho em direcção a um gelado cor-de-rosa, contam estoicamente o dinheiro que têm para almoçar ou retomam o percurso fervoroso dos Tintoretts.

19. Notícias do Rialto

Veneza é uma espécie de metrópole, pois toda a gente a visita. Olhando da minha varanda para os cerca de dois quilómetros quadrados que a vista alcança, consigo imaginar as sombras de uma galeria extraordinária de pessoas que, a dada altura,

que se consiga identificar. Contudo, aqui não parece inadequado — após algumas deambulações pela cidade e depois de se examinar algumas das suas imagens enigmáticas, e de se inspeccionar alguns dos seus paradoxos e perplexidades, percebe-se que o que Veneza tem de mais curioso é a própria Veneza.

21. Vamos aos prodígios

Imaginando Veneza como um quadro a óleo, então a cor de base vem da atmosfera tortuosa e deformada da cidade, que está apinhada, envelhecida e inconformista. Por baixo dos retoques grandiosos, há uma camada mais suave de coloração requintada, que confere riqueza, variedade e força à composição. Esta coloração vem de um sem-número de monumentos da cidade, modestos e no entanto maravilhosos, bem conhecidos mas não famosos em todo o mundo, que são tão essenciais ao sabor de Veneza como as imagens das maravilhas nos postais.

Vejam primeiro o bairro de Cannaregio, a zona da cidade que fica mais a norte. Ali se encontra a fascinante igreja gótica da Madonna dell'Orto, que deve o seu nome à imagem milagrosa que foi encontrada num jardim vizinho e agora se encontra em posição desajeitada no transepto direito: neste edifício há um Baptismo radiante, pintado por Cima da Conegliano, e um retábulo de Giovanni Bellini, e a admirada *Apresentação da Virgem no Templo* de Tintoretto, e uma fotografia (numa capela lateral) de um vigário recente daquela igreja que, na minha opinião, tem um dos rostos mais belos de Veneza. Ali pertinho fica a Igreja de Sant'Alvise, quase ignorada pelos itinerários do turismo de massas, com o poderoso *Subida para o Calvário* de Tiepolo, e os sugestivos quadrinhos medievais a

que John Ruskin deu o nome de «Carpaccios bebés» — parecem ter sido pintados por um qualquer artista genial quando ainda era criança e têm de facto a assinatura de Carpaccio (embora não seja totalmente convincente).

Para leste fica a Igreja da Misericórdia, com dois querubins na fachada, tão genuinamente pesarosos que têm a facezinha inchada das lágrimas; a sul fica San Giovanni Crisostomo, com o esplêndido retábulo de Bellini e um quadro em que se pensa que o esquivo Giorgione terá metido a mão. A monumental Igreja dos Jesuítas, com os seus falsos cortinados de mármore e o tremendo quadro de Ticiano com o martírio de S. Lourenço. A belíssima igreja funerária de San Michele ergue-se naquela ilha num estado de eterno silêncio exequial, lembrando um cangalheiro deveras aristocrático.

No Grande Canal, está o museu Ca' d'Oro, onde se encontra o maravilhoso *San Sebastiano* de Mantegna e também o famoso quadro que Guardi pintou da Piazzetta, possivelmente a pintura paisagista mais reproduzida em todo o mundo. Não muito longe fica o Palácio Labia, cenário de muitas festas voluptuosas, cuja decoração é de uma magnificência apropriada, com frescos onde Tiepolo representou a carreira de Cleópatra. Os três pátios sombrios do Gueto distribuem-se por entre os prédios. A Igreja de San Giobbe está bem escondida perto do matadouro. Chegando a Veneza de avião ou de automóvel, deve-se ainda assim visitar a estação de comboios, nem que seja para se maravilhar com o engenho de quem conseguiu erigir um edifício tão sumptuoso e funcional sem um único local onde o viajante fatigado possa sentar-se sem ter de pagar por esse privilégio.

Em segundo lugar vejamos o bairro de Castello, a zona oriental da cidade. A Igreja de Santa Maria Formosa tem um retábulo de Alvise Vivarini que é de uma semelhança

Chioggia vive para o peixe, sonha com peixe, fala de peixe e come peixe. As ruas estão repletas de escamas. O mercado de peixe é de uma policromia surpreendente. O principal restaurante da cidade oferece uma variedade incomparável de peixe. (Chioggia é visitada por um número surpreendente de turistas, e certa vez um visitante suíço disse-me, enquanto mastigava um polvo particularmente succulento, que nem sequer se ia dar ao trabalho de passar por Veneza. No hotel, ao pequeno-almoço, somos abordados por rapazes que nos vendem esponjas acabadas de apanhar no leito do mar, e da janela vêem-se barcos de pesca robustos de nariz arrebitado, zarpando para o trabalho. Chioggia tem pela frente o Adriático, onde nadam grandes peixes, e pelas costas a laguna: e embora seja muitas vezes uma desilusão para os visitantes, eu aprendi a gostar daquele local e da sua gente rude, e parece-me que os seus modos são influenciados pelo mar alto e pelos ventos salinos (até os candongueiros que se vêm junto ao cais revelam ser uma espécie cordial de escroque, depois de lhes darmos uma gorjeta ou de lhes comprarmos um cavalo-marinho seco). A atitude reservada da cidade é, verdade seja dita, não tanto carrancuda como fleumática, e os habitantes têm a reputação de ser de uma impassibilidade absolutamente inglesa. «Socorro! Estou-me a afogar!», grita um habitante de Chioggia numa anedota muito apreciada pelos venezianos. «Aguenta um minuto», diz o outro, «que eu estou a acender o cachimbo.» Certo dia, na laguna, reboquei um barco de pescadores de sardinhas de Chioggia, todos andrajosos, e recordo essa ocasião com um prazer estival: pois quando os deixei nos acessos de Chioggia eles despediram-se de mim com sorrisos tão deslumbrantes e gestos de uma graça tão indolente, que eu tive a sensação de ter acabado de largar uma tripulação de Tritões.

Assim são as cidades da laguna, desde a Mestre ruidosa à Chioggia decadente. De resto, o perímetro é plano, monótono e frequentemente desolador; e, para falar com honestidade, embora tenha muitos locais interessantes, e algumas relíquias impressionantes de glórias passadas, acho surpreendente que uma moldura tão desengraçada possa rodear uma obra-prima tão deslumbrante: pois onde quer que se esteja nesta costa, seja em Iesolo, onde as *juke-boxes* nos rebentam os tímpanos, ou na catedral de Chioggia, onde os filhos dos pescadores entoam o catecismo com voz estridente, ou em Mestre, onde tróleis cospem faíscas, ou em Porto Marghera, com os seus tanques de petróleo malcheirosos, ou em Fusina, para onde se encarreiram abstraídos rebanhos de ovelhas ou uma burricada — onde quer que se esteja, nunca se está a mais de 15 quilómetros de Veneza.

27. Cidades insulares

Mas nem sempre é Veneza a primeira coisa que se vê do continente, pois os antigos venezianos erigiram muitas cidades insulares antes de se mudarem para o arquipélago do Rialto. Há uma povoação que dá pelo nome de Altino, a oriente de Mestre, no local onde existiu a antiga Altinum romana. Tem um pequeno museu junto à igreja, e um vago ar de distinção perdida. Indo a pé da aldeia até à orla pantanosa da laguna, e atravessando a estrada para Trieste, vê-se sobre os brejos e charcos (uma mistura de mar, terra e pântano salino) um alto campanário solitário. Não se consegue ver o que o rodeia, pois a luz lagunar é enganadora, e por vezes a visão é cristalina, outras, velada em cintilação: e a única coisa que se avista naquela extensão confusa e pantanosa é aquela torre cor de tijolo,

CRONOLOGIA

Durante os primeiros 800 anos da história da cidade, os venezianos estabeleceram a sua independência, dominaram comercialmente o Mediterrâneo oriental e criaram o seu próprio sistema de governo aristocrático.

Ao longo do século XIV, após a dissolução do Império Bizantino, Veneza envolveu-se numa luta inflamada com Génova, sua rival, num cenário de instabilidade política interna. O resultado foi triunfal para Veneza, que atingiu assim o cúmulo do seu sucesso.	421	Data atribuída tradicionalmente à fundação de Veneza
	697	Eleição do primeiro doge
	809	Pepino ataca Veneza
	829	Roubo do corpo de S. Marcos
	960	Os dalmacianos invadem Veneza
	976	Incêndio da Basílica
	997	Guerra contra os dalmacianos
	997	«Casamento do Adriático»
	1001	Otto III em Veneza
	1177	Papa Alexandre II encontra-se com Frederico Barba-Ruiva
	1202	Quarta Cruzada
	1297	Estabelecimento da autocracia dos aristocratas

Durante os últimos quatro séculos de história, não obstante os períodos de surpreendente fertilidade artística, assistiu-se ao declínio do poder e da virilidade de Veneza, com as constantes guerras defensivas contra os turcos e a ascensão de novos rivais comerciais a Ocidente. Em meados do século XVIII, o império já quase desaparecera, e a caminho do fim o Estado veneziano sucumbiu a excessos carnavalescos e aparatosos.	1310	Conspiração de Tiepolo
	1335	Instituição do Conselho dos Dez
	1355	Decapitação do Doge Faliero
	1373	Chegada dos judeus a Veneza
	1380	Rendição de Génova em Chioggia

Com a derrota de Génova, os venezianos viraram-se para o interior e, em meados do século XV, já haviam estabelecido um império continental que chegava praticamente a Milão. No entanto, a queda de Constantinopla marcou o início do seu enfraquecimento.	1403-5	Tomada de Bassano, Belluno, Pádua, Verona
	1406	Morte de Carrara
	1421	<i>Nascimento de Gentile Bellini</i>
	1426	<i>Nascimento de Giovanni Bellini</i>
	1431	Morte de Carmagnola
	1435	<i>Nascimento de Verrochio</i>
	1450	<i>Nascimento de Carpaccio</i>
	1453	Turcos tomam Constantinopla
	1454	Tomada de Treviso, Friuli, Bérgamo, Ravena
	1457	Deposição do Doge Foscarini
	1472	<i>Nascimento de Giorgione</i>
	1479	<i>Nascimento de Sansovino</i>
	1480	<i>Nascimento de Palma Vecchio</i>
	1489	Anexação de Chipre
	1498	Chegada de Vasco da Gama à Índia
	1508	Liga de Cambrai
	1512	<i>Nascimento de Antonio da Ponte</i>
	1512	<i>Nascimento de Tintoretto</i>
	1513	<i>Nascimento de Paris Bordone</i>
	1518	<i>Nascimento de Palladio</i>
	1528	<i>Nascimento de Veronese</i>
	1539	Instituição do Conselho dos Três
	1544	<i>Nascimento de Palma Giovane</i>
	1571	Morte de Bragadino
	1574	Visita de Henrique III de França
	1580	<i>Nascimento de Longhena</i>
	1606	A Grande Proibição
	1607	Atentado à vida de Sarpi
	1693	<i>Nascimento de Tiepolo</i>
	1697	<i>Nascimento de Canaletto</i>
	1702	<i>Nascimento de Longhi</i>
	1712	<i>Nascimento de Guardi</i>
	1751	Terminada a construção dos Murazzi
	1757	<i>Nascimento de Canova</i>
	1784	Campanha contra os piratas da Berbéria
	1797	Os franceses tomam Veneza

- 1798 Veneza é cedida à Áustria
 1800 Conclave papal em Veneza
 1806 Franceses regressam a Veneza
 1814 Austríacos regressam a Veneza
 1846 Construção do viaduto ferro-
 viário
 1848 Venezianos revoltam-se contra
 a Áustria

- Veneza já faz parte do Estado
 italiano há mais de um século.
 Actualmente é prefeitura, capi-
 tal de uma província e o terceiro
 porto mais importante de Itália.
- 1866 Veneza junta-se ao Reino de
 Itália
 1902 Aluimento do Campanário de
 São Marcos
 1915 Operações contra a Áustria
 1931 Construção de viaduto rodo-
 viário
 1945 Exército britânico entra em
 Veneza
 1960 Construção do Aeroporto
 Marco Polo

ÍNDICE ONOMÁSTICO

*As coordenadas alfa-numéricas
 referem-se ao mapa de Veneza que surge
 na guarda final deste livro.*

- G9 ACADEMIA, GALERIA DA: 275
 G9 Academia, Ponte da: 49, 106,
 120, 124, 138, 233, 246, 266
 ACTV(Azienda del Consorzio
 Transporti Veneziano): 171
 Addison, Joseph: 145
 Adige, Rio: 344
 Alberoni, vila lagunar: 406, 408
 Alexandre III, Czar: 89
 Alexandre III, Papa: 280, 300
 Allen, Grant: 236
 Altino, aldeia do continente:
 363, 399
 Andersen, Hans: 416
 E9 Angelo Raffaele, Campo: 200
 E9 Angelo Raffaele, Igreja do: 200,
 310
 H9 Anglicana, Igreja (St. George):
 138
 Aretino, Pietro: 257, 299
 Ário: 403
 Aristóteles (Rodolpho
 Fioravante): 224
 I8 Armeni, Calle degli (Viela dos
 Arménios): 137
 G9 Arquivos Estatais: 89, 149, 288
 M7 Arsenal: 29, 52, 69, 93, 110, 156,
 170-1, 234, 240, 289, 302, 305,
 308, 324, 334, 343, 347
 H6 Arte Moderna, Museu de: 190
 H8 Assassini, Calle degli: 240
 BAEDEKER: 25, 112, 178, 179, 199,
 313, 356
 Balbi, Andrea: 288
 Balbi, Nicolo: 189
 G8 Balbi, Palazzo: 189, 280
 Balduino, Imperador de
 Jerusalém: 31
 Banca Giro: 283
 Barbari, Jacopo de': 308
 Barbaro, Almirante Marco: 241
 Barbaro, família: 241, 296
 Bari: 72, 403
 Barnaba: 44
 Barnabotti, Os: 59
 Barrès, Maurice: 416
 Basaiti: 316, 380
 Beerbohm, Max: 280
 Bellini, Gentile: 66, 297, 425
 Bellini, Giovanni: 51, 100, 299,
 306, 308, 316, 425
 Benchley, Robert: 161
 Bernardo, Pietro: 213
 Berri, Duquesa de: 190
 Biagio: 289
 J8 Biblioteca Nacional Marciana:
 299, 309

- Treporti, Porto di: 359
 Tresse, ilha: 344
 Trevelyan, G.M.: 338
 H7 Tribunal de Última Instância
 (Palazzo Grimani): 189
 Tron, Doge Nicolo: 293
 Turchette, Calle delle: 184
 Turner, J.M.W.: 197, 266, 416
 Twain, Mark: 234, 251
- VARÈ, DANIELE: 88
 Vecellio, Francesco: 299
 Vedova, Emilio: 38
 Velásquez, Diego: 315
 Vendramin, Doge Andrea: 293
 Vendramin, família: 190, 240
 G5 Vendramin, Palazzo (Casino
 Municipal): 189, 199, 240
 H9 Venier dei Leoni, Palazzo: 189
 Veniero, Almirante: 417
 Verdi, Giuseppe: 89
 Veronese, Paolo: 86, 100, 117,
 295-6, 299, 310, 314-5, 425
 Verrochio (Andrea del Cione):
 425
 I8 Via 22 Marzo: 95
 Vicentino (Andrea di Michieli):
 297, 417
- Vignole, ilha: 347, 395, 396
 Vitor Emanuel, Rei: 92, 234
 Vittoria, Alessandro: 51, 298
 Vivaldi, Antonio: 255
 Vivarini, Alvise: 307
 Voltaire, François M.A. de: 33, 62
- WAGNER, RICHARD: 120, 178, 190,
 207, 280, 416, 421
 Wall Street: 28, 205, 283
 Ward, Mrs. Humphry: 416
 Welles, Orson: 129, 258
 Whistler, J. McN.: 416
 Windsor, «Barone Odoardo»:
 208, 404
 Wordsworth, William: 142, 416
 Wotton, Sir Henry: 65, 116, 139,
 143-4
 Wright, Frank Lloyd: 280
- G10 ZATTERE, CAIS: 74, 85, 121, 124,
 150, 156, 180, 290, 305, 310, 323,
 325
 Zeno, Carlo: 335-7
 Zobenigo, família: 114, 219, 256,
 266, 296, 299, 309

NOTA BIOGRÁFICA

JAN MORRIS recebeu ao nascer, em 1926, na pequena cidade inglesa de Clevedon, o nome de James Humphrey Morris. Apesar da identidade masculina, percebeu «aos três, talvez quatro anos», que tinha nascido «no corpo errado».

Estudou história em Oxford e aos 17 anos ingressou, como voluntário, no Exército inglês. Mais tarde foi integrado no 9.º Regimento de Lanceiros, célebre pelo seu carácter de clube selecto entre a elite militar britânica.

Foi como oficial do Exército que conheceu Veneza, imediatamente após a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Depois de deixar a vida militar integrou a redacção do jornal *The Times*. Nessas funções, acompanhou a primeira expedição britânica a alcançar o topo do Evereste, em 1953. Mais tarde, Jan Morris diria que a experiência enquanto jornalista «arruinou para sempre» qualquer possibilidade de vir a escrever ficção. Apesar disso, publicou dois romances e uma colectânea de contos.

Publicou o primeiro livro, na sequência de uma visita aos Estados Unidos da América, em 1956. Daí em diante, escreveu relatos de viagens, livros de história e ensaios.

No início dos anos 60 iniciou um tratamento hormonal, num longo período de transição do sexo masculino para o sexo feminino. Essa transição seria concluída em 1972, com uma operação cirúrgica, em Marrocos. A partir de então, James Morris passou a usar o nome de Jan Morris. Continuou, no entanto, a viver na companhia de Elizabeth Tuckiness, com quem se tinha casado em 1949 e de quem teve cinco filhos.

Filha de pai galês e de mãe inglesa, Morris vive no País de Gales, sendo adepta do nacionalismo republicano galês. Foi distinguida com o doutoramento *honoris causa* por duas universidades galesas, a de Gales e a de Glamorgan.

Em 2008, o jornal *The Times* incluiu-a entre os 15 maiores escritores britânicos do pós-guerra.